

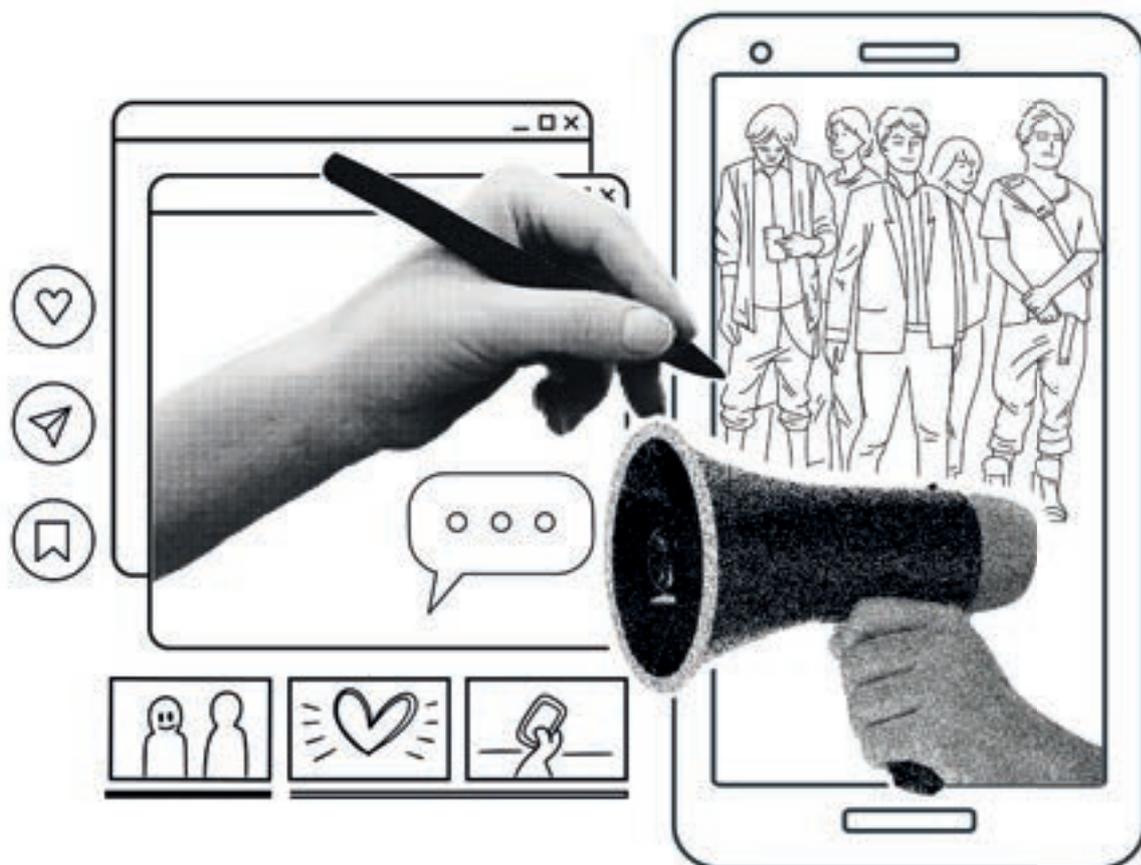


# SUICÍDIO DE JOVENS NA MÍDIA

Orientações para estudantes e profissionais  
da imprensa e da educação.

**Antonio Vianna, Denise Tavares, Larissa Morais.**

Revisão Técnica: Roni Filgueiras



# SUICÍDIO DE JOVENS NA MÍDIA

Orientações para estudantes e profissionais  
da imprensa e da educação.



**Antonio Vianna, Denise Tavares, Larissa Moraes.**

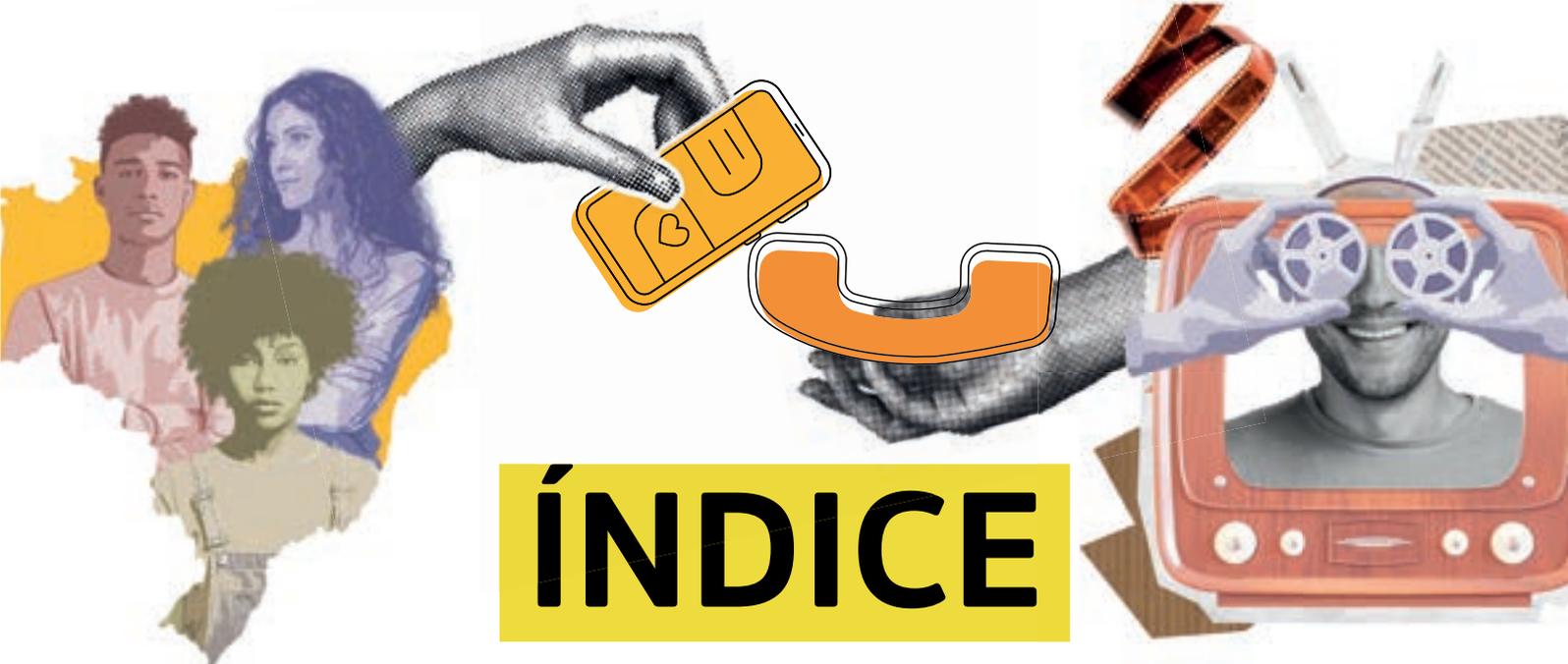
Revisão Técnica: Roni Filgueiras

Projeto Gráfico e Editoração: Aélton A. Melo Junior

**uff** Universidade  
Federal  
Fluminense

**PPGMC**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
MÍDIA E COTIDIANO

**FAPERJ**  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



# ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	4
O PROBLEMA DO SUICÍDIO NO BRASIL .....	5
O SUICÍDIO ENTRE JOVENS: UM BECO SEM SAÍDA? .....	6
O SUICÍDIO NA IMPRENSA .....	7
O QUE DIZ A LEI .....	8
O RISCO DE GATILHO .....	9
O DIA A DIA NA REDAÇÃO .....	10
O QUE DIZ A OMS .....	11
O QUE MAIS PODEMOS FAZER .....	13
ONDE PROCURAR AJUDA .....	14
SUICÍDIO E OUTROS PRODUTOS MUDIÁTICOS .....	15
CULTURA AUDIOVISUAL E SUICÍDIO JUVENIL .....	16
TRILHAS BÁSICAS NA SALA DE AULA .....	17
EXEMPLOS DE OBRAS QUE PODEM ILUMINAR .....	18
A HEGEMÔNICA INDÚSTRIA CULTURAL DOS EUA (1).....	19
A HEGEMÔNICA INDÚSTRIA CULTURAL DOS EUA (2) .....	21
SAÚDE PLENA E A AGENDA 2030 .....	23
3 OBRAS QUE FOCAM O SUICÍDIO JUVENIL .....	24
A ESCOLA E A SAÚDE MENTAL .....	25
FONTES DE CONSULTA .....	26

# APRESENTAÇÃO

Este guia está ligado a duas funções distintas dos produtos midiáticos: informar e entreter. Tal vínculo resultou em um material dividido em duas partes que, reunidas, buscam mostrar como esta sensível temática – o suicídio juvenil –, é compreendida e abordada, primeiro, pela profissão que é a principal fonte de informação da sociedade atual, o jornalismo, e, segundo, pelo produto midiático que mais entretém todos nós hoje: o audiovisual.

Seguindo, portanto, essa divisão, a primeira parte aborda o contexto atual do suicídio juvenil, as principais questões éticas que o envolvem e como a imprensa deve agir quando ele ocorre. Para completar o bloco, entra em cena a editoria que é exemplo da função social do jornalismo: Serviço. Nesse caso, traz informações sobre as redes de apoio e as ajudas possíveis em situações de ideação suicida.

Já a segunda parte, responde a um problema que cresceu significativamente após a pandemia da Covid-19: o aumento de pessoas com ansiedade e depressão nas salas de aula. Como vivemos imersos na cultura audiovisual, a proposta foi realçar como essas produções formam nossos imaginários sobre o suicídio, devendo, em função desse papel, ser compreendidas e deba-

tidas num local que reúne adolescentes e jovens: o ambiente escolar.

Com essa dupla abordagem, estamos nos posicionando em concordância à convocação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que acredita que a mídia deve se juntar às instituições e aos órgãos que atuam na prevenção do suicídio. E, ainda, esperamos contribuir, como fazem tantos pesquisadores, professores e profissionais das mais diversas áreas, com um material que pode ser usado, ampla e gratuitamente, por todos que estão focados no objetivo de discutir ações que podem mobilizar a sociedade na luta pela redução dos índices da morte voluntária.

Finalmente, para encerrar esta breve apresentação, esclarecemos que este guia é parte integrante do evento *Mídia, Juventude, Suicídio: uma abordagem multidisciplinar nas trilhas da Comunicação-Educação*, que aconteceu nos dias 27 e 28 de junho de 2023. Esse Seminário foi uma entre diversas atividades realizadas no escopo de uma pesquisa coletiva sobre o tema, que também é financiada pela Faperj.

Enfim, esperamos que os leitores deste breve guia o aproveitem. Críticas e sugestões serão sempre bem-vindas (e-mail: [pmc.ega@id.uff.br](mailto:pmc.ega@id.uff.br)).

Os autores

---

<sup>1</sup> O grupo foi formado por Renata Rezende Ribeiro (coordenadora do projeto), Denise Tavares (coordenadora do evento), Carla Baiense, Larissa Morais, Walcea Alves, Antonio Vianna, Diego Cotta e Max Milliano. A pesquisa coletiva contou com apoio FAPERJ (Edital Apoio a Grupos Emergentes/2019).

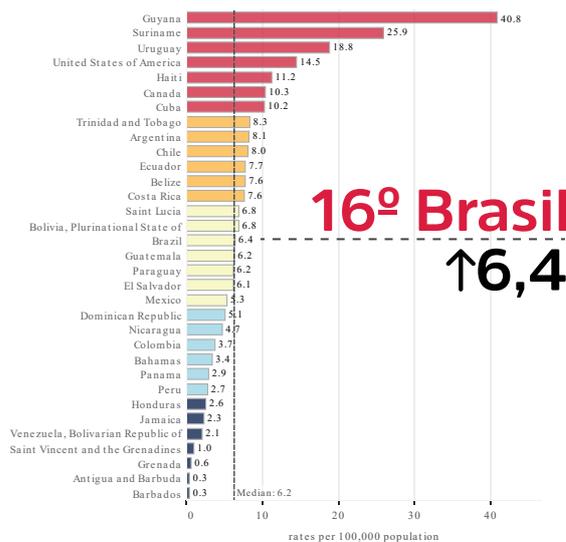
# O PROBLEMA DO SUICÍDIO NO BRASIL

Embora a quantidade de suicídios no mundo inteiro esteja em queda, o continente americano segue o caminho inverso. No período entre 2000 e 2019, houve um crescimento de 17% dos casos nas Américas, enquanto o resto do planeta reduziu o índice em 36%, segundo dados do estudo The Lancet Regional Health, divulgado em 2024.

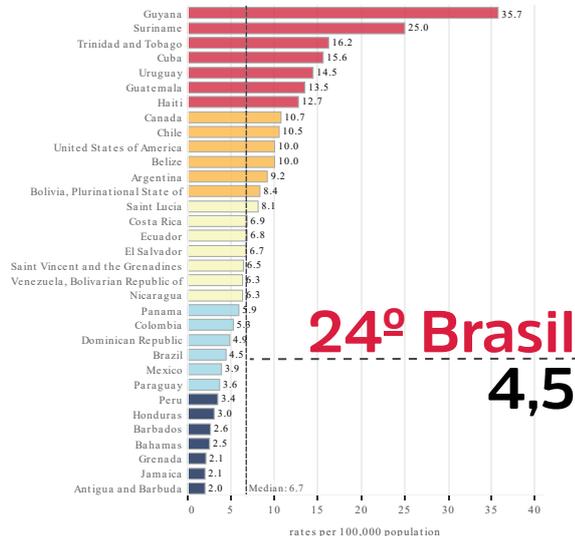
A pesquisa, fruto de uma parceria entre cientistas de Harvard e da Fun-

dação Oswaldo Cruz (Fiocruz), mostra que a situação do nosso país é ainda pior, em comparação com o restante do continente. No Brasil, o número de suicídios subiu 43% no mesmo período, o que nos fez saltar da 24ª colocação, entre as nações com a maior taxa das Américas, para a 16ª posição. A estatística sugere a necessidade premente de pensarmos novas estratégias de prevenção.

Quintiles ■ Quintile 1: 0 to 20% ■ Quintile 2: 20 to 40% ■ Quintile 3: 40 to 60% ■ Quintile 4: 60 to 80% ■ Quintile 5: 80 to 100%



Quintiles ■ Quintile 1: 0 to 20% ■ Quintile 2: 20 to 40% ■ Quintile 3: 40 to 60% ■ Quintile 4: 60 to 80% ■ Quintile 5: 80 to 100%



Fonte: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(24\)00018-8/fulltext#:~:text=From%202011%20to%202022%2C%20720%2C480,have%20increased%20in%20the%20country](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(24)00018-8/fulltext#:~:text=From%202011%20to%202022%2C%20720%2C480,have%20increased%20in%20the%20country)

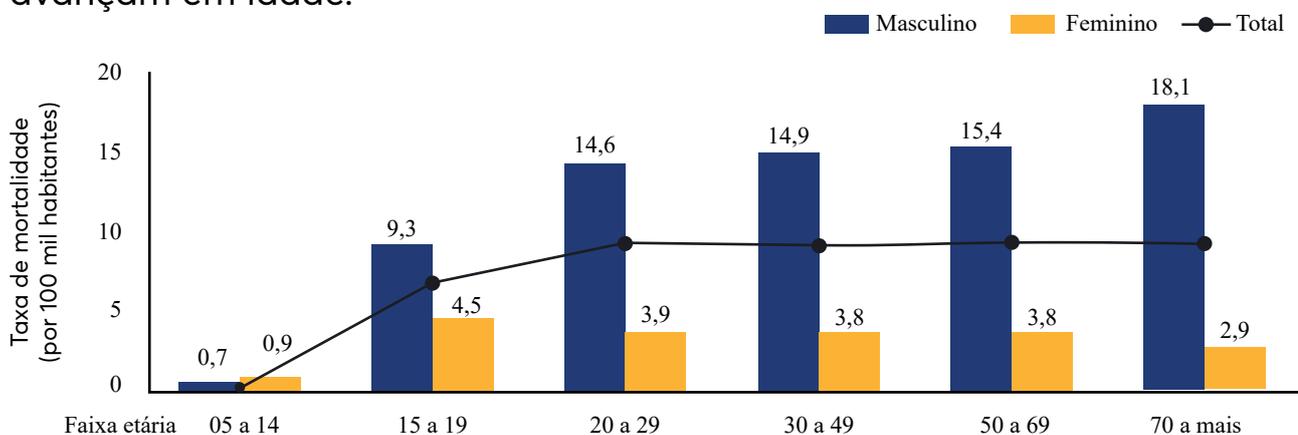
# O SUICÍDIO ENTRE

# JOVENS:

# UM BECO SEM SAÍDA?

O Boletim Epidemiológico publicado pelo Ministério da Saúde, em 2024, mostra que houve aumento das notificações de suicídio no Brasil em todas as faixas etárias, desde os 10 anos até indivíduos com mais de 60 anos de idade. Entretanto, o crescimento proporcional é ainda mais acelerado entre os jovens (entre 20 e 29 anos) e, principalmente, adolescentes (entre 10 e 19 anos).

De acordo com o documento, as taxas de suicídio entre os homens aumentam progressivamente com a idade, atingindo seu pico em idosos acima de 70 anos (18,1 óbitos por 100 mil). Já em relação às mulheres o risco é mais elevado entre as adolescentes de 15 a 19 anos (4,5 óbitos por 100 mil), seguido de uma estabilização e declínio das taxas à medida que avançam em idade.



Fonte: Sistema de informações sobre Mortalidade - SM/Daert/SVSA/MS; projeção da população 2010-2060 - IBGE

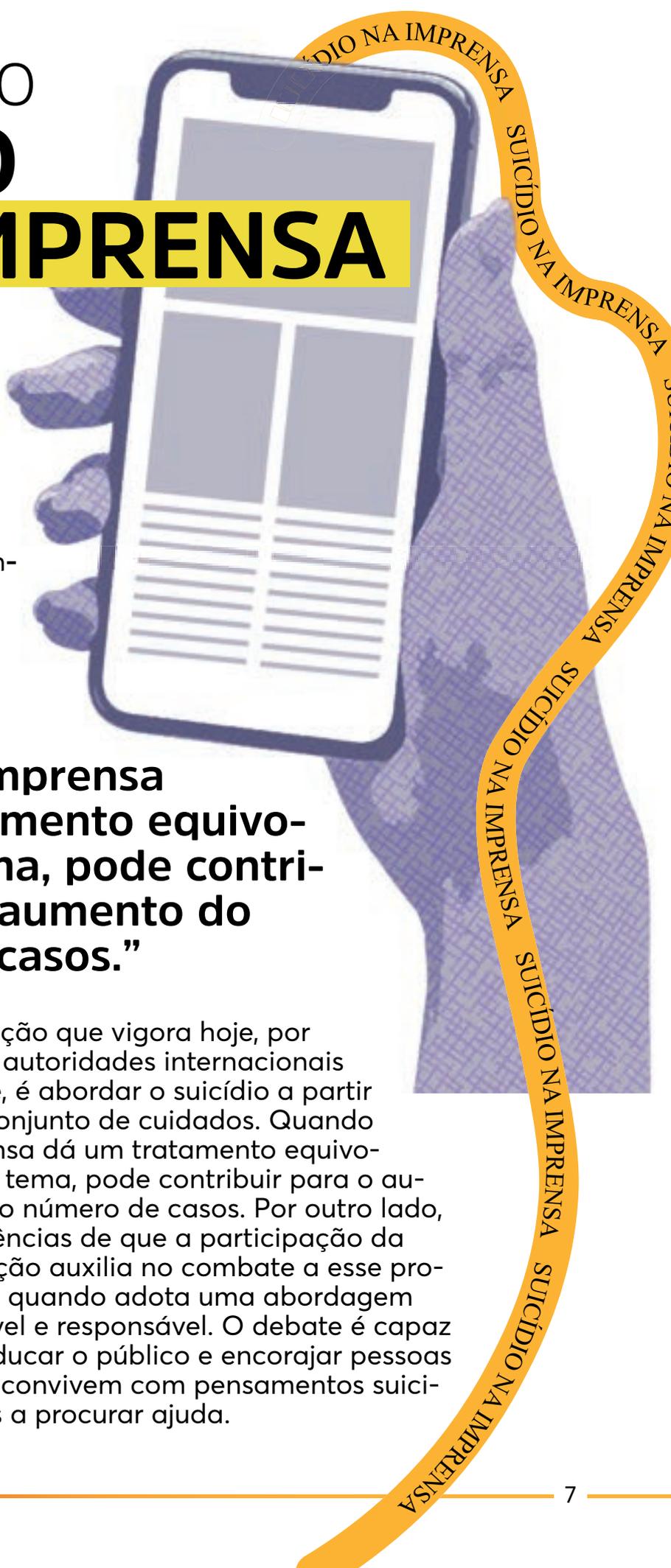
FIGURA: Distribuição das taxas de mortalidade por suicídio no Brasil, segundo o sexo e a faixa etária. Brasil, 2021.

# A QUESTÃO DO SUICÍDIO NA IMPRENSA

Ao longo das últimas décadas, o tratamento do suicídio na imprensa tem se alternado entre a interdição e uma espetacularização considerada potencialmente perigosa para as pessoas suscetíveis. As abordagens sensacionalistas têm sido frequentes, especialmente em sites "caça-cliques", que tentam atrair audiência expondo detalhes que não deveriam vir a público.

“ Quando a imprensa dá um tratamento equivocado ao tema, pode contribuir para o aumento do número de casos.”

A orientação que vigora hoje, por parte das autoridades internacionais de saúde, é abordar o suicídio a partir de um conjunto de cuidados. Quando a imprensa dá um tratamento equivocado ao tema, pode contribuir para o aumento do número de casos. Por outro lado, há evidências de que a participação da instituição auxilia no combate a esse problema quando adota uma abordagem sensível e responsável. O debate é capaz de educar o público e encorajar pessoas que convivem com pensamentos suicidas a procurar ajuda.





## O QUE DIZ A LEI

O artigo 212 do Código Penal Brasileiro trata do crime de vilipêndio a cadáver. Vilipendiar é o mesmo que menosprezar, ultrajar ou tratar com desprezo o corpo humano sem vida ou partes dele. A pena prevista é de um a três anos de detenção, além de multa.

**O compartilhamento de imagens de corpos na internet é passível de ser configurado como vilipêndio a cadáver.**

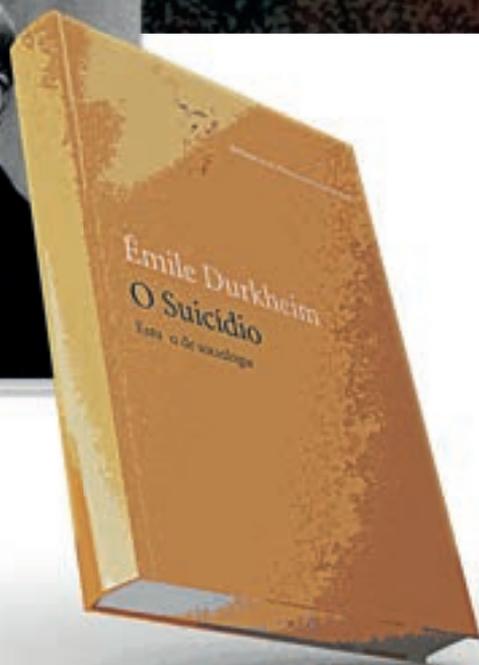
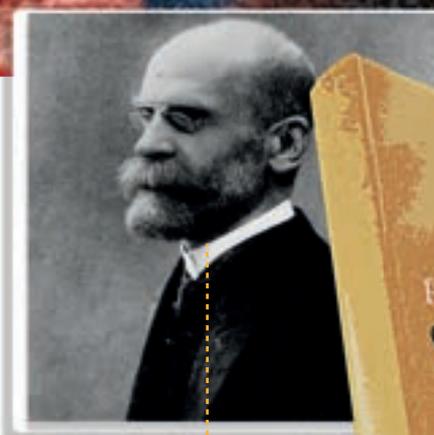
Portanto, a divulgação irresponsável de imagens de pessoas que tiraram a própria vida é passível de responsabilização. Além disso, o crime pode ser imputado a qualquer pessoa que realizar o compartilhamento, ainda que não seja um jornalista ou não pertença a algum veículo de comunicação tradicional.

# O RISCO DE GATILHO

Você já ouviu falar de "efeito contágio", "efeito imitação" ou "efeito Werther"? Essas são expressões que, no contexto dos debates sobre suicídio, indicam que as informações sobre o suicídio de alguém podem levar outras pessoas a tirarem a própria vida. Não se trata de um contágio viral, e sim comportamental.

Na obra *O Suicídio*, de 1897, o sociólogo Émile Durkheim relata que houve uma onda de suicídios na Europa, quando foi lançado o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, do escritor alemão J. W. Goethe. Em diversas partes do mundo, leitores se mataram em circunstâncias semelhantes ao personagem principal, um jovem inconformado com a perda de seu grande amor.

Estudos posteriores confirmaram que determinadas histórias funcionariam como gatilho para comportamentos suicidas. Por isso, até hoje esse tipo de preocupação baliza debates sobre a importância de dar um tratamento adequado ao tema do suicídio, na mídia.



**[...] determinadas histórias podem servir como gatilho para comportamentos suicidas."**



# O DIA A DIA NA REDAÇÃO

Manuais de redação de alguns dos principais jornais da imprensa tradicional sugerem cautela nas notícias sobre suicídios. Alguns veículos explicitam que não se deve noticiar a morte autoprovocada de uma pessoa desconhecida, por exemplo. Exceto em situações especiais, em que um suicídio pode suscitar um debate mais amplo, entende-se que esse tipo de notícia pode funcionar como um incentivo a novas mortes, pelo chamado "efeito imitação".

Contudo, a maior parte dos veículos não oferece às suas equipes uma orientação sobre como tratar do tema. Se você tiver dúvidas a esse respeito, tenha uma conversa franca com seu editor. Sugerimos que este documento e as indicações aqui compartilhadas possam orientar uma reflexão sobre como dar ao suicídio um tratamento editorial adequado. O jornalista tem um papel social que deve ser exercido com responsabilidade.

# O QUE DIZ A OMS

## SOBRE COMO LIDAR COM O TEMA



Não adotar uma abordagem sensacionalista do suicídio, em especial quando estiver tratando da morte de celebridades ou de pessoas que despertam admiração pública;



Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na divulgação de dados e estatísticas;



Não usar estereótipos religiosos ou culturais;



Não retratar os suicidas como heróis, mas também não culpabilizá-los;



O suicídio jamais deve ser retratado como um modo de se lidar com problemas pessoais, nem ser abordado de maneira simplista;



Não detalhar o método de um suicídio;

É preciso ter cuidado com o excesso de exposição. As reportagens não devem perder de vista o impacto do suicídio nos familiares da vítima e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar;

É recomendada a publicação de reportagens sobre como identificar comportamentos de risco e lidar com fatores de estresse e pensamentos negativos;

Não apresentar o suicídio como uma epidemia ou problema incontrolável, nem dar visibilidade a teorias que explicam o comportamento suicida como uma resposta à degradação da sociedade;

Não publicar fotos do cadáver; da cena do suicídio ou de cartas de despedida;

Divulgar o contato de serviços de apoio.



# O QUE MAIS PODEMOS FAZER



Não pautar o assunto só pela ocorrência de suicídios, mas pela perspectiva de recuperação, em relação aos momentos em que a pessoa pensou em tirar a própria vida, e dos serviços de apoio;



Não limitar a cobertura às editorias de Geral/Cidades, abordar o tema a partir de Saúde/Ciência e mesmo Variedades, Comportamento e Cultura, sempre com o intuito de dar visibilidade ao cuidado e às possibilidades de recuperação;

01

Evitar a cobertura extensiva de um mesmo suicídio;



02



Dar visibilidade a histórias de pessoas que desistiram da ideia de tirar a própria vida e estão bem; desenvolver nessas histórias elementos de identificação entre essas pessoas e o leitor;

03

04



Entrevistar profissionais que possam ajudar na compreensão multidisciplinar do problema, fornecendo conteúdos potencialmente úteis no combate ao suicídio.

05

# ONDE PROCURAR **AJUDA**



**Basta ligar 188 de qualquer aparelho telefônico ou acessar o chat no portal [www.cvv.org.br](http://www.cvv.org.br).** O serviço é gratuito e funciona 24 horas por dia, com profissionais treinados para proporcionar acolhimento e manter seu anonimato.

## • Centro de Valorização da Vida

Se você está em sofrimento e precisa conversar, entre em contato com o Centro de Valorização da Vida (CVV).

## • Ministério da Saúde

O site do ministério tem informações e orientações em [www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/suicidio-prevencao](http://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/suicidio-prevencao).

Em caso de risco iminente de suicídio, o ministério recomenda ligar para 192.

Também é possível buscar ajuda em Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), pronto-socorros de hospitais, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e unidades básicas de saúde (Saúde da Família, postos e centros de saúde).

## • Campanha Setembro Amarelo

A campanha ([www.setembroamarelo.com](http://www.setembroamarelo.com)) promove uma **série de ações de prevenção durante os meses de setembro** e divulga a **cartilha Suicídio: Informando para Prevenir**, que pode ser acessada em <https://flip3d.com.br/web/pub/cfm/index9/?numero=14>

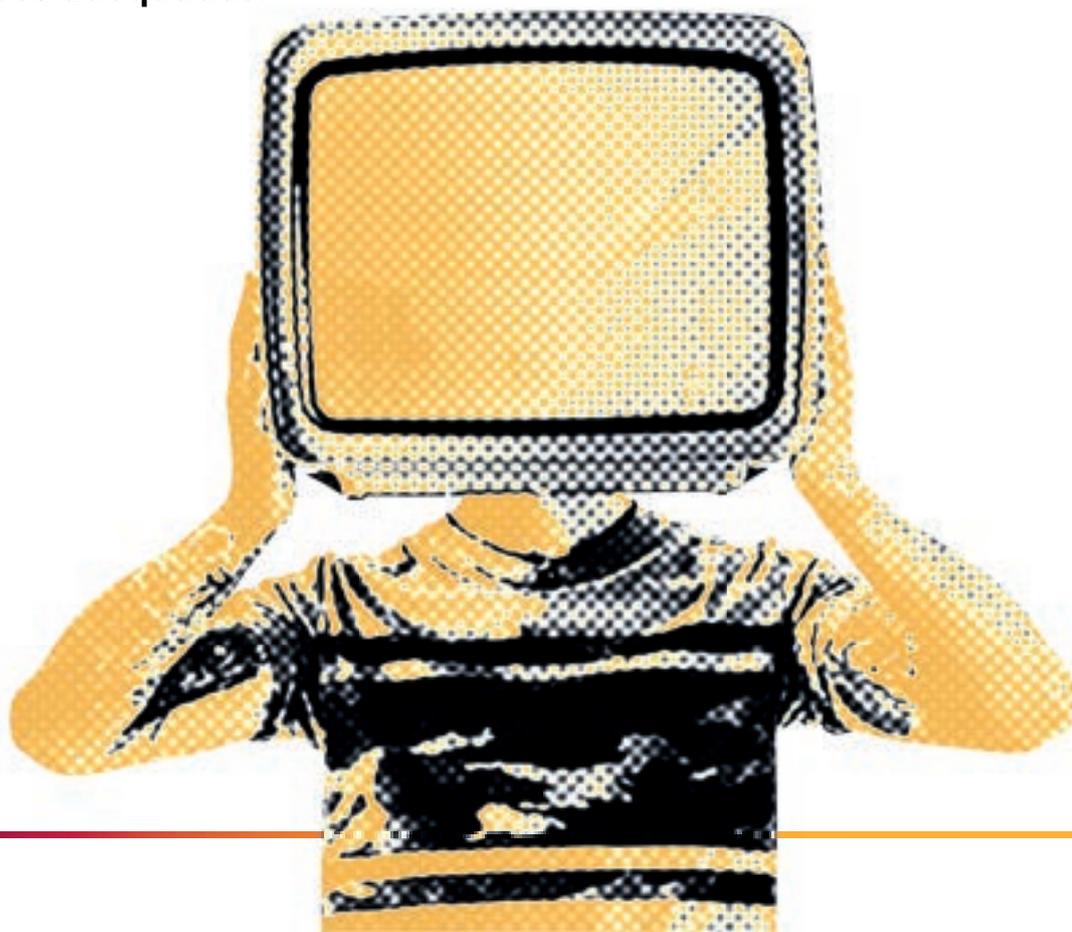
# SUICÍDIO E OUTROS PRODUTOS MIDIÁTICOS

A recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) é reforçada, no caso brasileiro, por órgãos como o Conselho Federal de Medicina, a Associação Brasileira de Psiquiatria e outros da área médica, que também avaliam que a mídia teria obrigação de tratar de forma adequada o que apontam ser um importante assunto de saúde pública. De acordo com essas instituições, falar sobre o suicídio não aumenta o risco de uma pessoa se matar, pelo contrário: é fundamental oferecer à população informações adequadas sobre o problema.

**No entanto, o que seriam essas informações adequadas?**

Em primeiro lugar, é preciso respeitar as orientações que acabamos de apresentar. Depois, nunca esquecer o diagnóstico principal em relação ao suicídio, com o qual todas as áreas do conhecimento concordam: **O SUICÍDIO NÃO TEM UMA ÚNICA CAUSA, ELE É SEMPRE MULTIFATORIAL.**

Concordar com essa posição parece fácil, mas não é. Principalmente porque muitos produtos midiáticos reforçam diversos clichês e estereótipos que caracterizam o suicídio, em especial o suicídio juvenil.





# CULTURA AUDIOVISUAL E SUICÍDIO JUVENIL

Dentre tantos produtos midiáticos acessíveis a boa parte dos jovens, alguns dos mais consumidos são audiovisuais. Sejam filmes, séries, documentários ou reportagens, essas produções colaboram muito para consolidar as visões que se tem sobre a juventude e como são os processos de ideação suicida dessa faixa etária. Algumas obras, especialmente, tiveram um grande impacto nesse novo século. O lado bom é que ao conhecer esse consumo e seu impacto, muitas dessas obras têm sido discutidas por profissionais da Comunicação e da Educação, sempre em diálogo com as áreas médicas.

A urgência desses debates ficou ainda mais presente após a pandemia da Covid-19. Já existem estudos hoje que mostram que uma das consequências desse período é o au-

mento do estado depressivo dos jovens, em função do longo período de isolamento, agravado pela convivência com o anúncio constante das mortes. Esse contexto trouxe para os jovens a percepção de que o futuro pode não acontecer para parte deles. Os indicadores de depressão, que já eram altos, extrapolaram qualquer previsão. Não bastasse, os serviços de atendimento à saúde mental foram drasticamente reduzidos durante a pandemia, o que pode ter interrompido muitos tratamentos, além de não se iniciar os que eram necessários.

Com essas informações em seus corações e mentes, profissionais da Educação, assim como os da Comunicação, têm buscado alguns caminhos para tratar desse tema urgente, real, tocante e dolorido. Como agir, então?

# TRILHAS BÁSICAS NA **SALA DE AULA**



Antes de qualquer movimento, é preciso lembrar de duas frases-sínteses que são um lema incontornável nessa relação comunicação-educação-suicídio juvenil.

01



Na sala de aula somos professores de Comunicação e Educação, com essa única e exclusiva competência;

Na prática, esses dois lemas implicam reconhecer nossos limites de atuação, sem fazermos de conta que nada está acontecendo. E também compreender que cada jovem em sala de aula tem uma vivência singular, consequência de um histórico social, cultural, étnico, religioso e econômico que faz parte da sua identidade, formação e visão de mundo. Portanto, é fundamental que as propostas e ações dos educadores estejam sintonizadas ao projeto pedagógico do qual fazem parte e que saibam observar, ouvir e dialogar em

02



Não existe juventude, mas, sim, JUVENTUDES.

sala de aula.

Após todos esses cuidados, é preciso também ter muita segurança em relação ao que se vai propor em termos de atividades e discussões. Como dissemos, não existe uma BULA ou RECEITA que garanta acerto completo. O que existe é um espírito de atenção, de cuidado e de buscar conhecimento sobre o tema. Só depois é possível dar um passo, avaliar o que esse passo significou para o coletivo da sala de aula e, com atenção e respeito, seguir em frente, se for o caso.

# EXEMPLOS DE OBRAS QUE **PODEM ILUMINAR**

A cultura audiovisual é uma realidade cotidiana da juventude. Provavelmente o mesmo diagnóstico vale para a cultura musical. Imagem e som: companheiros de memórias e de comemorações que tanto são capazes de fazer emergir nossas potências, nossa vontade de viver intensa e alegremente, como podem também trazer à tona tristezas e desânimos.

De novo reconhecendo essa dualidade, nossas sugestões, baseadas em algumas vivências e aprendizados, além dos estudos realizados no escopo de uma pesquisa coletiva sobre o tema, são essas:

01

O educador deve conversar com os colegas docentes e técnicos (se for o caso) sobre a pertinência, ou não, de abordar o suicídio juvenil e todos os outros estados de ânimo e comportamento relacionados (depressão, ansiedade, desânimo, tristeza etc.) na sala de aula.

02

Em caso positivo, deve construir com essa(s) pessoa(s) uma estratégia de abordagem que funcione como um primeiro passo no sentido de mostrar que esses adolescentes e jovens estão sendo percebidos em seus desafios e impasses em relação às próprias vidas, ao futuro etc.

03

Se avaliar que é possível um momento específico para essa conversa, reforçar que ali é uma escola, que seu principal papel é compartilhar conhecimento, mas que há um convívio social que traz à tona quem somos, por quais momentos estamos passando, o que tem nos impactado etc.

04

Sempre enfatizar as singularidades e o quanto as diferenças, entre cada pessoa ali, mostram a realidade extremamente diversa da espécie humana, algo para ser celebrado e reforçado por toda a vida.

05

Se for possível discutir o tema mediado por alguma produção audiovisual ou música, buscar o máximo possível de informações sobre a escolha. É fundamental esclarecer que tanto o audiovisual como a música são representações da realidade e não um espelho dela. Inclusive os documentários e reportagens, porque mostram o ponto de vista de quem está contando a história, e sempre há mais de um ponto de vista sobre qualquer assunto.

# A HEGEMÔNICA INDÚSTRIA CULTURAL DOS EUA

Em função da hegemonia da indústria audiovisual e musical dos Estados Unidos, a maior parte das obras consumidas pelos jovens hoje, tem essa origem. Só que os códigos culturais e o modo de vida estadunidense reforçam um imaginário do suicídio basicamente de pessoas brancas, de classe média e que sofrem *bullying* escolar ou têm relações familiares frágeis. Essa não é a realidade brasileira atual majoritária. No Brasil, temos essa condição:



## 01

Proporcionalmente, a população juvenil que mais tem buscado a morte voluntária é a indígena. Para os antropólogos e pesquisadores que apontam esse dado, entre as causas, se destacam:

- Perda de referência cultural com a convivência mais intensa com brancos (ou seja: outras culturas);
- Perda das suas terras pelo processo histórico de espoliação e roubo que sofreram desde a invasão portuguesa;

- Serem vítimas de violência contínua por parte de jagunços e outros que querem tomar as poucas terras que têm;
- Não ter perspectiva de futuro e acreditar que com a morte encontram um lugar melhor para existir. Um bom filme para compreender esses processos é "*Martírio*", de Vincent Carelli, que mostra a dura realidade dos Guarani-Kaiowá e está disponível gratuitamente na Internet.

## 02

No Brasil, mais mulheres tentam o suicídio, mas mais homens morrem, em função do método que escolhem. Neste caso, pesquisadores apontam, entre outros fatores, a violência que as mulheres sofrem, especialmente abuso sexual, e o fato de ainda existir uma cultura de silêncio em torno

dessa situação (mais ainda quando as vítimas são crianças). Também destacam a cultura machista persistente que desvaloriza a condição feminina em múltiplos aspectos, causando baixa-estima e ampliando as inseguranças da mulher.



## 03

Quem tentou o suicídio uma vez, tem grande chance de tentar novamente. Mesmo que seja anos depois. Por isso, é preciso grande atenção e acompanhamento dessas pessoas.

## 04

Se a pessoa revela ideação suicida, sempre levar a sério, ouvir e buscar ajuda. Se possível, encaminhar para os profissionais competentes. Estimular os jovens a terem esse comportamento em relação aos colegas, ou seja: estejam atentos e levarem a sério qualquer manifestação nesse sentido.

## 05

No Brasil, como em outros países, há, com certeza, subnotificação, decorrente de todos os preconceitos que cercam o suicídio. O mais cruel deles é a culpa que familiares e amigos costumam se atribuir quando alguém próximo buscou a morte voluntária, algo que, sabemos, não é correto, mas tem sido difícil de modificar.

# A HEGEMÔNICA **INDÚSTRIA CULTURAL** DOS EUA (2)

A hegemonia cultural dos Estados Unidos muitas vezes soterra a percepção da própria realidade brasileira quanto ao suicídio juvenil. Como a proposta é não escamotear nem o real, nem o real imaginado, para se elaborar uma proposta no sentido de abordar e discutir o tema, abaixo indicamos alguns passos possíveis, considerando o que a OMS e outros órgãos de saúde recomendam. Assim, sugerimos:

## 01

O educador deve montar um repertório de filmes, séries e músicas que remetam a alegrias e tristezas junto com seus alunos e alunas, desde que eles tenham mais de 18 anos. Peça a cada um que as indicações venham acompanhadas de breve explicação (2, 3 linhas) que possa ser compartilhada coletivamente;

## 02

A partir desse repertório, selecionar o que mais foi citado ou o mais conhecido, de modo a mostrar a diversidade das relações e impactos que causam, às vezes, uma mesma obra. Essa atitude reforça a ideia de diversidade de percepção e vivências;



## 03

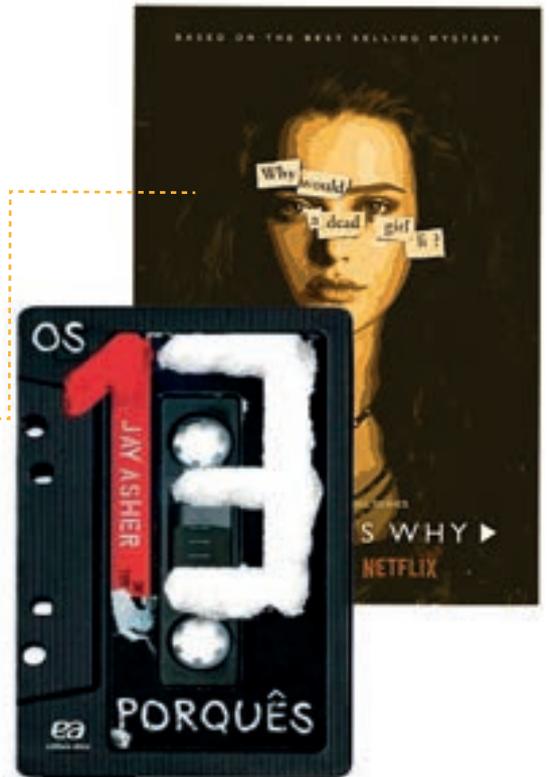
Depois, fazer o mesmo movimento, agora focando mais especificamente no suicídio juvenil: eles devem listar filmes, séries e músicas que conhecem ou "ouviram falar" que tratem deste tema. Novamente, pedir a todas as pessoas que esclareçam que relação têm com essas produções;

## 04

Essas discussões costumam ser mais produtivas quando são realizadas, primeiro, em pequenos grupos de 4 ou 5 pessoas e depois compartilhadas no coletivo;

## 05

Dentre as obras mais consumidas pelos jovens neste século XXI, com certeza está "Os 13 porquês". A série, principalmente a primeira temporada, gerou muitos estudos e discussões. Se essa for a mais indicada, vale muito consultar o material antes do debate. O mesmo caminho vale para outras possíveis obras;



## 06

Se avaliar que é possível, vale discutir uma dessas obras em sala, destacando, em especial, o que acham que a/o personagem suicida deixou de fazer ou de ter acesso, o que poderia ter modificado sua história. Se for uma produção ficcional, também peça que apontem as contradições que perceberam em relação aos comportamentos dos personagens centrais, jovens e adultos;

## 07

Enfatize que o debate não visa um resultado específico, mas que está de acordo com orientações dos principais órgãos de saúde do Brasil e da OMS. Além disso, está em sintonia com o que indica a Agenda 2030, como veremos em seguida. Esse deslocamento é importante, porque amplia o tema e o insere em algo maior.



## SAÚDE PLENA E **A AGENDA 2030**

Entre tantas iniciativas para vivermos em um mundo melhor, destaca-se o Plano de Ação Global, mais conhecido como Agenda 2030. Elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, o documento define 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). E estabelece, ainda, 169 metas para erradicar a pobreza no mundo, promovendo vida digna para toda a população do planeta, em conformidade ao reconhecimento dos limites dos recursos naturais da Terra.

Oficialmente, ninguém no mundo está contra essa resolução. Mas na prática, muitos governos, até os que assinaram o termo da ONU, cumpriram muito pouco do que prometeram. O resultado é o planeta Terra ameaçado pelas consequências, em especial, da crise climática, provocada pelo modo de vida atual dos humanos e, na esteira dessa destruição, o fim da vida de todas as espécies animais e vegetais, ser humano incluído.

Se esse é o drama maior, o objetivo 3 da Agenda 2030, aquele que envolve o direito à saúde e ao bem-estar de todos e todas, é apontado como o mais diretamente relacionado ao investimento dos países em políticas e estratégias que colaborem para a prevenção do suicídio. Em termos

objetivos, este é outro caminho relevante para se discutir o tema da dor, da depressão, da saúde mental e do suicídio, em sala de aula. Principalmente porque, em 2025, o Brasil será sede da 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 30), que vai ocorrer em Belém.

Independente dos resultados da COP 30, o fato é que a Agenda 2030 deve ser popularizada e discutida com adolescentes e jovens de todo o país. Há nesse compromisso, mesmo que ainda não plenamente cumprido, o que parece mais faltar hoje: um plano de futuro pelo qual podemos lutar! Principalmente, a população jovem! Abordar um tema como a procura da morte voluntária exige que profissionais da comunicação e educação reforcem também a esperança, a utopia, os sonhos. Nesse sentido, só poderíamos encerrar esse breve e despretensioso "guia", destacando algumas linhas de Paulo Freire, esse educador de almas, referência maior para docentes de todas as áreas.

Na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. E é também criando, recriando e decidindo como deve participar dessas épocas. É por isso que obtém melhor resultado, toda vez que, integrando-se no espírito delas, se apropria de seus temas, e reconhece suas tarefas concretas. (Freire, 2020, s/p).

# 3 OBRAS QUE FOCAM O SUICÍDIO JUVENIL

Estas três indicações estão disponíveis no YouTube com o aviso de que são obras que só devem ser assistidas por quem se sentir apto a vê-las, já que contêm cenas não adequadas para todos. Também é importante ressaltar o aviso de ligar para o 188 – CVV (Centro de Valorização da Vida), caso haja algum pensamento de ideação suicida. ESSE AVISO É IMPRESCINDÍVEL!

## 01

### A GAROTA SUICIDA: UMA ESTRELA QUE SE APAGOU.

**Direção:** Guilherme Jorge e Agatha Liz.

**Produção:** alunos da escola E.E. Francisco Voccio 2021, primeiro ano C do ensino médio integral, 2021, Brasil.

**Comentário:** trata-se de um curta-metragem, de cerca de 15 minutos, realizado por alunos de uma escola estadual de São Paulo. É uma obra relevante, se a perspectiva é discutir como adolescentes têm representado a si mesmos, suas relações, e a influência que existe da cultura estadunidense nesse processo.



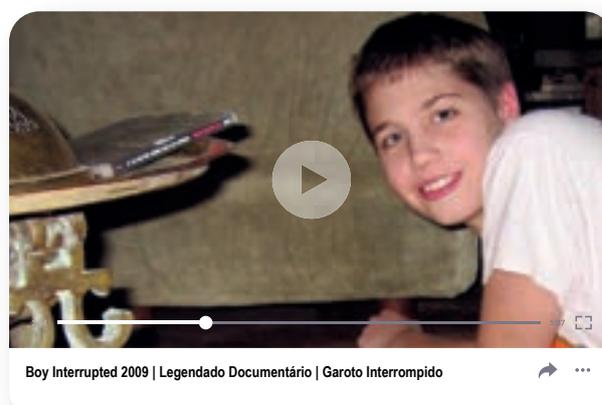
Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Xp0BR93jyH4&rco=1>  
(YouTube – Ficção).

## 02

### GAROTO INTERROMPIDO.

**Direção:** Danna Perry e Hart Perry, EUA, 2009.

**Comentário:** o documentário conta a história de Evan Scott Perry, um garoto de 15 anos que se matou. O documentário é realizado por seus pais, e há muitas imagens de arquivo, inclusive gravadas por Evan. O olhar dos pais envolve saúde mental, histórico familiar e a impotência de conter o gesto.



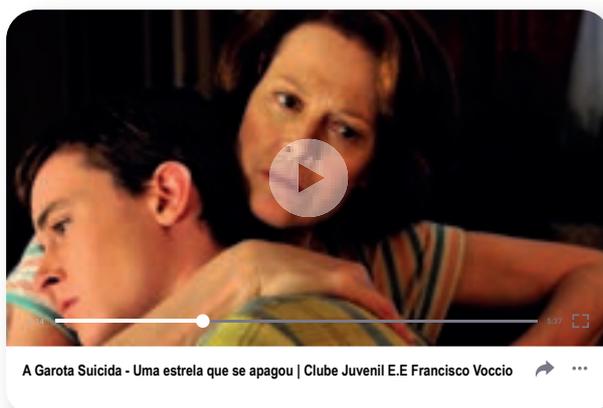
Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=TKc2ymDKyI8&rco>  
(YouTube – Documentário).

# 03

## ORAÇÕES PARA BOBBY.

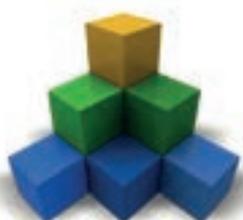
**Direção:** Russell Mulcahy. **Produção :** Chris Taaffe; Damian Ganczowski; Daniel Sladek; David Permut e Stanley M. Brooks, 2009, EUA.

**Comentário:** essa ficção é baseada em fatos reais e mostra o quanto preconceitos, no caso em função de uma postura religiosa rígida da mãe, reforçam a percepção de inadequação de jovens em relação à sua identidade e as consequências trágicas desses sentimentos.



Disponível em  
<https://www.youtube.com/watch?v=O2CmZMUTtQ0>  
(Ficção)

# A ESCOLA E A SAÚDE MENTAL



**BASE  
NACIONAL  
COMUM  
CURRICULAR**

EDUCAÇÃO É A BASE

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entregue pelo Ministério da Educação em 2017, tendo agregado em 2022 texto complementar, contém todas as informações necessárias para abordar temas transversais e outros em sala de aula, nos diversos períodos escolares das etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Nele, há a recomendação para que as últimas séries do Ensino Fundamental incluam a relação com o campo jornalístico-midiático. Assim, qualquer atividade desenvolvida nessas séries que abarquem a temática do suicídio juvenil, deve, obrigatoriamente, estar em sintonia ao que indica o BNCC quanto ao conhecimento e às competências indicadas. A mesma posição deve-se ter quanto aos documentos que orientam a formação no Ensino Médio, que ainda estão em discussão.

Por último, é importante reforçar que há vários núcleos de pesquisa e estudo sobre o Suicídio de Jovens e Adolescentes que sempre oferecem reflexões e propostas que contribuem, muito, para qualificar projetos que envolvem questões relacionadas à saúde mental. Portanto, ninguém pode alegar desconhecimento dos riscos, das necessidades e da urgência de não se ignorar essa que é considerada hoje pela OMS uma epidemia a ser corajosamente enfrentada por nós.

# Fontes de consulta

---

ALVES, F. J. O. et al. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. **Lancet regional health - Americas**, v. 31, 2024.

DAPIEVE, A. **Morreu na contramão**. O suicídio como notícia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação da Folha de S. Paulo**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2001.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020. (EPUB).

GARCIA, L. (Org.). **O Globo**. Manual de redação e estilo. 26. ed. São Paulo: Globo, 1995.

MENDES, L. M. R.; VIANNA, A. C. F.; FELIX, C. B. Imprensa e o tabu do suicídio: uma proposta de rediscussão do tema. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 19, n. 56, p. 454-474.

MINOIS, G. **História do Suicídio**. A sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de redação e estilo**. 3ª. ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

OMS. **Prevenção do Suicídio**: Manual para profissionais da mídia. Genebra, 2000.

WHO. **Preventing suicide**: a resource for media professionals, 2008 update.

WHO. **Preventing suicide**: a resource for media professionals, 2017 update.

NIEDERKROTENTHALER, T. et al. Role of Media Reports in Completed and Prevented Suicide: Werther v. Papageno Effects. **The British journal of psychiatry: the journal of mental science**. n. 197, v. 3. set. 2010, p. 234-243

SISASK, M.; VÄRNIK, A. Media Roles in Suicide Prevention: A Systematic Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 9, jan. 2012, p. 123-138.

TAVARES, D. **Suicídio de Jovens na Mídia**: a dor irreversível nas telas. São Roque/SP: Genio Editorial, 2024.



**MÍDIA,  
JUVENTUDE  
E SUICÍDIO:**  
Uma abordagem multidisciplinar  
nos trilhos da Comunicação-Educação

 **Universidade  
Federal  
Fluminense**

**PPGMC**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
MÍDIA E COTIDIANO

 **FAPERJ**  
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro